

GÊNERO E EXPERIÊNCIAS EXÍLICAS EM *COM ARMAS SONOLENTAS*, DE CAROLA SAAVEDRA

GENDER AND EXILIC EXPERIENCES IN *COM ARMAS SONOLENTAS* BY
CAROLA SAAVEDRA

Maria de Fatima Alves de Oliveira Marcari¹

Giovanna de Oliveira Duarte Duarte²

Resumo: O presente artigo tem como proposta analisar a representação das protagonistas femininas no romance *Com armas sonolentas* (2018) da escritora contemporânea Carola Saavedra, a partir da temática do exílio, da migrância e da errância. Pretende-se sobretudo analisar como a condição exílica afeta e contribui para a subalternização e a invisibilidade das subjetividades femininas, tomando como base o conceito definido por Nouss (2016) como 'exiliência', uma condição comum a todos os sujeitos que passam por deslocamentos, seja espacial ou subjetiva. São consideradas também as questões de gênero, raça e classe que permeiam a trajetória das personagens, a partir dos estudos de Adrienne Rich (2010), bell Hooks (1990) e Gloria Anzaldua (2000), dentre outras teóricas.

Palavras-chave: exílio; gênero; Carola Saavedra; literatura brasileira contemporânea crítica feminista.

Abstract: This paper proposes to analyze the representation of female protagonists in the novel *Com armas sonolentas* (2018) by contemporary writer Carola Saavedra, from the theme of exile, migrancy and wandering. It is mainly intended to analyze how the exilic condition affects and contributes to the subalternization and invisibility of female subjectivities, taking as a basis the concept defined by Nouss (2016) as 'exilience', a condition common to all subjects who undergo displacement whether spatial or subjective. The issues of gender, race and class that permeate the trajectory of the characters will also be considered, based on the studies of Adrienne Rich (2010), bell Hooks (1990) and Gloria Anzaldua (2000), among other theorists.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/Assis – Brasil. Professora Assistente Doutora na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/Assis – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9774-0085>. E-mail: fatima.marcari@unesp.br.

² Mestranda em Letras na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/Assis – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8179-4724>. E-mail: giovannaduarte281999@gmail.com.

Keywords: exile; gender; Carola Saavedra; Brazilian contemporary literature; feminist criticism.

1. INTRODUÇÃO

Na literatura contemporânea de autoria feminina observa-se um número crescente de obras que descrevem trajetórias de personagens relacionadas a migração, exílio, errância e outros deslocamentos. Dentre essas produções, destaca-se o romance *Com armas sonolentas* (2018) de Carola Saavedra, no qual as protagonistas experimentam certa ‘condição exílica’; a sensação de estar fora de lugar, pisando o território do ‘Outro’ (ZOLIN, 2018). Nesta perspectiva, observa-se que a temática do exílio marca a trajetória das três protagonistas do romance, tomando como base o conceito definido por Nouss como ‘exiliência’, uma condição comum a todos os sujeitos que passam por deslocamentos, sejam espaciais e/ou subjetivos, já que pode ocorrer que as duas situações, em níveis distintos, não coincidam: “pode alguém sentir-se em exílio sem ser concretamente um exilado (consciência sem condição), como pode alguém ser um exilado em concreto, sem contudo sentir-se em exílio (condição sem consciência)” (NOUSS, 2016, p. 53).

Dividido em duas partes, o romance narra a história de três gerações de mulheres que estão em busca de seu lugar no mundo e, por conseguinte, da constituição de suas identidades. Na primeira parte, acompanhamos a história de Anna Mariani, uma jovem carioca aspirante a atriz que, em menos de três semanas de relacionamento com Heiner, um cineasta alemão que conhece em uma festa, casa-se e se muda para a Alemanha. Esse deslocamento se revela uma grande desilusão, pelas dificuldades que ela enfrenta para tentar se adaptar a uma nova cultura e pela convivência com seu companheiro, que se mostra abusivo e controlador. A segunda história conta a vida de Maike, uma adolescente melancólica que vive na Alemanha e que sempre se sentiu

deslocada dentro de sua família, embora não saiba que foi adotada por seus pais, advogados bem sucedidos. Fascinada pela cultura brasileira, que conhece ao cursar Letras, resolve ir para o Brasil em busca de respostas para as lacunas de sua identidade. Por fim, a história de uma personagem denominada Avó nos é apresentada, a partir de seu deslocamento forçado, ainda muito jovem, de uma cidade do interior mineiro até o Rio de Janeiro, onde passa a trabalhar como empregada doméstica em uma casa, em que sofre abusos físicos e psicológicos.

No decorrer da narrativa, fica evidente que as três histórias estão interligadas e estamos diante de uma linhagem de avó, mãe e filha. A aparente desconexão entre as personagens revela o distanciamento físico e sobretudo emocional entre elas; contudo, ao considerarmos o romance como um todo, evidencia-se que estão unidas pelas experiências traumáticas, a condição exílica e os deslocamentos e confinamentos que vivenciam em comum.

2. SALVA POR MEMÓRIAS E MARGARITAS: O EXÍLIO DE ANNA

Anna Marianni, uma jovem atriz que trabalha como vendedora em uma boutique, muda-se para a Alemanha com seu marido Heiner. Seduzida pelas promessas de ser a próxima musa do cineasta, ela acredita que “Ir embora era como ter uma segunda chance” (SAAVEDRA, 2018, p.27), uma vez que ela havia rompido relações com sua mãe, que trabalhava como empregada doméstica na casa de sua madrinha, a qual Ana nunca soube que era sua avó. Cansada da passividade de sua mãe diante das humilhações que a patroa lhe dirigia, ela resolve sair da casa e tentar uma nova vida. Apesar de ter tido a oportunidade de estudar e se inserir em determinados círculos sociais, pois a patroa de sua mãe sempre pagou todos seus estudos e seu curso de artes cênicas, Ana cresceu transitando em um entre-lugar, tendo sua identidade cindida, pois durante o dia era uma aluna de colégio caro e, nos fins de semana, passeava em clubes e locais frequentados pela classe média alta. À noite, ela voltava a ser a filha da

empregada, ocupando o mesmo quarto de sua mãe. Já adulta, Anna se revolta com a relação abusiva entre a patroa e a mãe e rompe com ambas, passando a morar com uma amiga. Ana segue sonhando com a carreira de atriz e a ascensão social, por isso, o relacionamento com Heiner lhe parece ser a oportunidade ideal de começar uma nova vida e apagar seu passado. Após aceitar a proposta da viagem para a Alemanha impulsivamente, ela se dá conta de que ele nem ao menos lhe propõe um casamento. Contudo, a consciência de que sua decisão foi precipitada surge logo após o avião aterrissar, quando

Se deu conta de que aceitara ir embora, largar tudo de uma hora para outra, sem ter a menos ideia de onde iam morar, em que cidade, ou o menos se norte, sul, leste, oeste, talvez porque para ela a Alemanha era algo tão estrangeiro e inimaginável que tanto fazia a cidade, o bairro, a rua ou qualquer outra exatidão” (SAAVEDRA, 2018, p. 28).

A primeira impressão sensorial que tem ao aterrissar parece antecipar como será sua experiência na Alemanha: “(...) quando as portas automáticas se abriram e ela sentiu o ar seco e gélido atingindo o seu rosto feito uma bofetada. Então aquilo era estar em outro país” (SAAVEDRA, 2018, p. 28). Ainda no aeroporto, Anna começa a se incomodar com as atitudes e suposições de Heiner de que ela iria gostar da pequena cidade provinciana onde iriam morar, ao invés de uma cidade grande. Em nenhum momento ele se preocupa em perguntar sua opinião, deixando evidente que a assertividade e o otimismo dele ocultavam um machismo e um egocentrismo velado. Ao escutar a língua alemã, “pela primeira vez, ela se deu conta do que significava não falar alemão. E foi tomada pelo mais profundo terror” (SAAVEDRA, 2018, p. 31). Para Anna, a língua soava completamente incompreensível e, com o tempo, passa a lhe soar insuportável, a ponto dela se recusar a aprender o idioma. Logo, sua “exiliência” se declina em condição e consciência, pois percebe que o sentimento de estrangeiridade, de não pertencimento ao país se torna cada vez mais forte. O casal de vizinhos idosos a tratam com falsa simpatia e Heiner paga aulas de idioma para ela, as quais ela frequenta com bastante relutância. A barreira da língua serve como

pretexto para o confinamento compulsório de Ana na pequena cidade, e como desculpa para o marido não lhe dar um papel em seus filmes e não levá-la em suas frequentes viagens para as locações, o que desperta em Anna sentimentos de baixa autoestima: "(...) ela era uma atriz antes de ir para lá, agora era apenas uma. analfabeta em alemão" (SAAVEDRA, 2018, p. 51). Após alguns meses, Anna se sente cada vez mais solitária e depressiva, e presente que está passando por uma despersonalização:

Anna se olhava no espelho e não se reconhecia, a Alemanha, o clima, ou o que quer que fosse que havia por lá, a transformara em outra pessoa(...). Alguém fora de seu idioma e de seu código social, reduzido a momices e estertores, uma caricatura de si mesma, ou pior, uma versão piorada, desprovida de humor, na qual seus maiores medos vinham à tona. Talvez fosse um fenômeno comum, as pessoas eram elas mesmas mais a variável correspondente ao lugar onde se encontravam, e essa equação podia provocar as transformações mais assustadoras: um homem generoso ver aflorar em si pequenas mesquinarias, uma mulher de coragem deparar com a menina assustada que poderia ter sido (...) (SAAVEDRA, 2018, p. 37).

O clima frio, o idioma, os códigos sociais são inconcebíveis para Anna, o que acabam transformando-a em uma pessoa completamente diferente do que ela acreditava ser, "uma caricatura de si mesma", "uma versão piorada", assustadora e que expunha todos os seus medos e inseguranças. De acordo com Said, "O exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro" (SAID, 2003, p. 63), o que se evidencia na condição exílica de Anna, confinada numa pequena cidade, transfigurada num corpo invisível pelo marido, que mal conversa com ela e com quem tem relações sexuais curtas e mecânicas ao voltar das longas viagens. Além da incomunicabilidade, o sentimento de estrangeiridade se intensifica porque Anna não se sentia em casa dentro de sua suposta casa, pois, "ela apenas morava ali, feito um inquilino, feito o próprio Heiner na casa dos Muller; ela era o inquilino do inquilino." (SAAVEDRA, 2018, p. 51).

Uma das formas de lidar com a violência do não pertencimento e da estrangeiridade é juntar-se aos seus, viver com pessoas que ajudem no processo de afirmação de identidades. Essa necessidade aparece para a personagem como podemos perceber numa ocasião em que vai a uma festa na casa de seu colega de curso

Chegou na casa de Mauro sentindo-se um pouco deslocada, a verdade era que, apesar do convite “apenas alguns bons amigos”, eles mal se conheciam (...). Mas talvez fosse assim mesmo, longe de casa e diante da ameaçadora solidão que os espreitava, tudo se tornava mais forte, mais rápido, a relação entre as pessoas, o que as unia. Bastava um sorriso, um idioma, ou mesmo um continente em comum para que se estabelecesse essa nova irmandade (SAAVEDRA, 2018, p.29).

Nessa festa, contudo, ela teve a confirmação de sua infelicidade naquele país, pois “teve certeza de que realmente havia se transformado em outra pessoa, (...), na qual suas características mais indesejadas, a timidez, a insegurança, que antes ela conseguia disfarçar, agora haviam se exacerbado. Agarrou-se ao copo de margarita como a um salva-vidas” (SAAVEDRA, 2018, p. 40). Mesmo quando vivia no Brasil, Anna tentava ocultar sua condição de subalternidade, por meio das relações que mantinha no meio artístico, onde conseguia convites para festas, devido à sua beleza exótica; contudo, sempre ocupou um entre-lugar, o que se configurava também em uma ‘exiliência.’

Para Leila Assumpção Harris (2009), a construção da noção de lar não depende de um espaço físico, pois pode habitar também o plano da subjetividade. A partir disso, pode-se dizer que a amizade de Ana com Birgit, com quem passou a se encontrar com frequência, a fazia sentir-se “em casa”, acolhida, pois, “aqueles encontros davam a Anna a sensação de ter uma casa, uma conexão verdadeira com outra pessoa, de voltar a existir, mesmo que só um pouco, e ao mesmo tempo se perguntava, que tipo de vida tivera até então? que tipo de pessoa ela era? (SAAVEDRA, 2018, p. 50)

A partir da relação com Birgit, ela se dá conta de que nunca antes tivera uma amizade, um laço com alguém, devido ao seu medo de criar vínculos e sua dificuldade de conectar-se emocionalmente. É com Birgit que ela desabafa sobre o fracasso de seu casamento e compartilha algumas memórias da infância e de sua vida no Brasil. O relacionamento com Heiner piora, pois ele passa a viajar ainda mais, o que faz com que Anna decida ir embora: “Um dia, enquanto tomavam chá na cozinha, Anna anunciou, vou embora. Para o Brasil? Brigit perguntou um pouco incrédula. É, (...) um dia você acorda, (...) e percebe que o seu tempo acabou, ou melhor, o tempo daquele lugar acabou” (SAAVEDRA, 2018, p. 50). No entanto, nesse mesmo dia ela descobre estar grávida de quatro meses, notícia que recebe com assombro: “(...) não quero, de jeito nenhum, e foi quando a médica explicou que com a gravidez já tão avançada não era mais possível nem mesmo uma curetagem, (...) Anna entrou em pânico, achou que fosse desmaiar” (SAAVEDRA, 2018, p. 54).

Mais uma vez, Anna via sua identidade, que começava aos poucos a se reconstituir com o apoio da amiga, se desintegrar, o que a recolocou na condição desoladora do exílio. Heiner foi intransigente e violento diante seu desejo de não querer a criança:

ela não queria esse filho, disse com todas as letras, isso que está aí dentro não é meu filho, é qualquer outra coisa, mas não é meu, ele a olhou como se ela fosse um monstro, não fale assim, essa gravidez nos pegou de surpresa, mas vai ser ótimo, vai ser lindo, e você será uma mãe deslumbrante, olhe só como você está linda (SAAVEDRA, 2018, p.55).

Novamente, ele não se importou com o que ela sentia, chamando-a de louca: “Heiner se enfureceu, pela primeira vez perdeu o ar blasé que o acompanhava, parecia outra pessoa, você não vai dar o meu filho, afinal, que tipo de pessoa você é?” (SAAVEDRA, 2018, p. 55).

O cansaço e a solidão de Anna aumentam, pois logo Heiner viaja, e ela passa a sofrer de depressão pós parto. Sua amiga Birgit havia viajado para o

Peru para encontrar o namorado. Nesse momento de maior desamparo, ela tem um devaneio e se agarra às poucas memórias que preservava de sua própria mãe e do Rio de Janeiro: “um cheiro de mar, como na infância, como se realmente tivesse sido transportada para uma tarde no calçadão de Copacabana” (SAAVEDRA, 2018, p. 61). Conforme observa Susan Friedman (2004), a necessidade da lembrança surge como uma tentativa de retorno ao lar; um lar que na realidade Anna nunca teve, pois passou a infância e a adolescência num entre-lugar, dividida entre a vida confortável proporcionada pela patroa/avó e o espaço exíguo do quarto da mãe.

Sentindo-se abandonada em um país que não era seu, sem contar com nenhuma ajuda, presa a uma maternidade indesejada desde o início, a depressão de Anna se intensifica. Extremamente perturbada, um dia decide deixar o bebê bem agasalhado no carrinho em uma praça, enquanto observa uma mulher levá-lo embora com cuidado. O abandono da filha é um acontecimento traumático na vida de Anna, que é relaborado em um monólogo teatral quase vinte e cinco anos depois, quando ela já é uma atriz famosa no Brasil.

3. A REVELAÇÃO DE MAIKE

“É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro.” (LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela, 1977, p. 31).

Maike é filha de Anna Mariani, fato que ela nunca chega a saber, pois teve a oportunidade de ser adotada por uma família que, apesar de lhe proporcionar uma vida bastante confortável, nunca a fez se sentir acolhida de verdade, pois vivia numa casa que a fazia se sentir numa revista, “uma foto bidimensional num mostruário em que tudo era limpo, arrumado, as cortinas, as almofadas sobre o sofá” (SAAVEDRA, 2018, p. 72), uma casa que parecia de

papel em que “até mesmo o porão parecia artificial” (SAAVEDRA, 2018, p. 72), um reflexo das futilidades de sua mãe que era “toda brilho e superfície, toda Chanel, toda Yves Saint Laurent” (SAAVEDRA, 2018, p. 68). Se Anna vivencia a condição e a consciência exílica, sua filha Maike, por sua vez, experimenta a “exiliência”, declinada na consciência de sentir-se fora de lugar. Como uma forma de fuga, Maike gostava de flunar por bibliotecas,

tinha verdadeiro amor por elas, funcionavam como uma redoma fora da casa dos meus pais, um lugar onde era possível ficar só, (...), em silêncio, protegida dos olhares inquisidores da minha mãe, suas perguntas, seu jeito suave de fazer eu me sentir culpada, seus excessos travestidos de amor (SAAVEDRA, 2018, p.68).

Sua mãe era advogada e já havia traçado esse mesmo destino para ela, o que pouco lhe interessava, mas “(...) se deixara levar pela inércia, era tão fácil se deixar acariciar pelos meandros de um caminho já traçado...” (SAAVEDRA, 2018, p. 66).

Contudo, no dia em que vai fazer a matrícula na faculdade, numa decisão repentina, matricula-se no curso de Letras-Português. Por uma motivação desconhecida, acredita que gostaria de aprender esse idioma, passando a se interessar verdadeiramente pelos estudos, pois sentia ter uma estranha familiaridade com o português. Logo no começo do curso conheceu uma moça, que segundo ela, era seu oposto, “(...) pois parecia muito à vontade, Lupe era daquelas pessoas muito à vontade com tudo, com os outros, com as próprias palavras, com o próprio corpo, uma realidade que se desdobrava naturalmente à medida que ela seguia avançando” (SAAVEDRA, 2018, p.70). Tudo em Lupe a atraía, e pela primeira vez Maike descobriu-se apaixonada por uma mulher, o que Lupe já havia percebido antes dela, pois “havia algo escrito nela que nunca soube, algo que ela mesma nunca havia lido” (SAAVEDRA, 2018, p. 82). A partir dessa descoberta, Maike teria de enfrentar a si mesma, tirar uma máscara que até o momento colocava para compactuar com as idealizações de sua família. Adrienne Rich (2010) afirma que as mulheres aprendem a aceitar a

heterossexualidade como um fato natural, inevitável, a recebem como um dogma e, conseqüentemente, aquelas que não se identificam como heterossexuais acabam sendo vistas como desviantes pelo sistema patriarcal. Ao assumir seu namoro com Lupe, seu pai se mostra indiferente e sua mãe diz que “(...) ainda mais nessa idade, essas coisas são comuns, depois passa esses arroubos de adolescência” (SAAVEDRA, 2018, p. 95). Assim, sua mãe invalida sua subjetividade e sexualidade, o que fez com que Maike se sentisse ainda mais deslocada dentro da família e, em cada encontro de Lupe com seus pais, sentia que

me via obrigada a enxergar algo que até então apenas vislumbrava: que entre mim e meus pais existia uma distância intransponível, e que se as boas maneiras e a aparente tranquilidade daquela casa haviam encoberto até então esse fato, o surgimento de Lupe e suas inesperadas conseqüências tinham revelado, ao menos em parte, esse insistente texto subterrâneo. De uma hora para outra, ou ao menos pareceu assim, tive a certeza de que a pessoa que habitara aquela casa não existia mais (SAAVEDRA, 2018, p.97).

Maike sentia que estava finalmente começando a descobrir quem era, qual era a sua identidade, fora do *script* traçado pelos seus pais. O sentimento de que não pertencia àquela família e não cabia mais naquela casa se intensificou, o que a leva a decidir morar sozinha. Lupe se oferece para morarem juntas, mas ela escolhe ficar só, pois teria uma liberdade que nunca teve e “queria olhar com mais calma pra isso” (SAAVEDRA, 2018, p. 99).

A partir dessa mudança, Maike passa a rememorar seu passado e tentar compreender uma memória traumática de sua infância. Recorda quando seu amigo de infância Max lhe enfiou uma faca nas costas, e pensa em como foi possível seus pais nunca mais terem falado sobre esse incidente, o que a levou também a bloquear essa memória traumática. Seu amigo lhe falara que fizera isso porque não acreditava que ela fosse real, porque havia algo diferente nela. O que restou do acontecimento foi “apenas um imenso silêncio, tema tabu para seus pais e, “com exceção da cicatriz, era como se ele nunca tivesse existido”

(SAAVEDRA, 2018, p. 75). Maike também se sentia deslocada pela cor de sua pele, como fica evidente quando Lupe comenta que ela não parecia alemã: “Aquilo me incomodou, como sempre me incomodava quando faziam esse comentário, você não parece alemã, ou me perguntavam de onde eu era, definitivamente a pele morena era um elemento incompatível com a Alemanha” (SAAVEDRA, 2018, 2018, p. 78). Gloria Anzaldua diz que as mulheres de cor, como são denominadas as latinas, foram ensinadas que é errado serem “diferentes, separadas, exiladas do que é considerado ‘normal’, o branco-correto” (ANZALDUA, 2000, p. 232). Assim, além da homossexualidade, a cor da pele também leva Maike a experimentar a consciência exílica, um sentimento de deslocamento e de estrangeiridade, uma vez que, antes de conhecer Lupe, ela nunca teve referências de indivíduos com os quais pudesse se identificar para auxiliar no processo de construção de sua identidade.

Certo dia, ela decide ir atrás de Max, e descobre que ele foi internado em uma clínica psiquiátrica, pois já apresentava sinais de esquizofrenia desde o ataque à Maike. Max demonstra sinais de ter uma doença mental, mas a recebe educadamente, e lhe diz que “(...) você existe onde você não está, em outro lugar, outro país” (SAAVEDRA, 2018, p. 120), e que esse outro lugar era o Brasil. Após alguns questionamentos, Maike decide que realmente precisa ir ao Brasil e inscreve-se para um edital de intercâmbio da faculdade, no qual é selecionada.

Antes de embarcar, Maike pensava que “(...) o Brasil era todo corpos, nunca espírito, na ideia que fazia de lá” (SAAVEDRA, 2018, p. 126), isto é, possuía uma visão colonizada e estereotipada sobre o país, pois esperava encontrar “(...) samba, desfile de escola de samba, futebol, mais samba, corpos dançantes, ritos dionisíacos, mais corpos...” (SAAVEDRA, 2018, p. 126), como se o Brasil fosse um lugar primitivamente paradisíaco. Entretanto, ao chegar, depara-se com a realidade das favelas, da desigualdade social e tem a

sensação de estar em outro tempo, outra época, uma industrialização que nunca chegara, mas um sentimento de poucos

minutos e logo vinham os carros último modelo e o burburinho e uma série de restaurantes caros, o bairro e seus moradores simples e artísticos e moradores de elegantes mansões” (SAAVEDRA, 2018, p.221).

As grandes cidades são espaços contraditórios, marcados pelas intrincadas redes de relações que se estabelecem, nas quais coexistem e se debatem diferentes atores sociais, atingindo especialmente os grupos mais destituídos, como as mulheres, os migrantes e os sujeitos racializados (SASSEN, 1998). Neste sentido, o deslocamento de Maike a leva não apenas a travar novas amizades, mas também a tomar consciência dos abismos sociais, da pobreza, da hipocrisia burguesa: “eu sentia uma grande necessidade de me embrenhar por aquilo tudo, entender o que as coisas significavam, o que as pessoas realmente queriam dizer” (SAAVEDRA, 2018, p. 220). Ela se habitua a sair da pensão onde está hospedada, em um bairro de artistas plásticos, para caminhar sem rumo pelo Rio de Janeiro, em busca de conhecer-se no espaço desconhecido, seguindo uma pulsão de errância. De acordo com Godet (2010), a errância é caracterizada pela ambivalência, podendo ser negativa quando se configura como um desenraizamento involuntário, ou vista como positiva, como é o caso de Maike, como aventura voluntariamente assumida, que evolui no sentido da busca da desterritorialização de pertencimentos, como viagem rumo à descoberta de si mesmo e dos outros.

Contrapondo-se à vivência exílica de Anna, a mãe que nunca conheceu, Maike sente um verdadeiro fascínio pela terra estrangeira e pelo idioma português, o qual aprende com muita facilidade:

(...) a sensação de que viver numa língua estrangeira era tornar-se, mesmo que sutilmente, outra pessoa. No meu caso, essa pessoa que eu me tornava, apesar de um pouco tosca, me parecia muito mais próxima de mim do que a que vivia na Alemanha, como se em português eu me tornasse quem eu realmente era (SAAVEDRA, 2018, p. 217).

Assim, ao contrário de Anna, que experimenta um esfacelamento de sua identidade em sua experiência na Alemanha, a errância de Maike pelo Rio de Janeiro funciona como estratégia de constituição de sua identidade. Sentindo-se ao mesmo tempo “nativa e estrangeira”, às vezes indagava-se: “o que eu estava fazendo ali, naquele lugar que não me pertencia, naquela cidade incompreensível?” (SAAVEDRA, 2018. p.217). Entretanto, nela não havia o desejo de retorno para sua terra natal, pois, entre ela e aquela cidade havia uma conexão que, embora aparentemente inexplicável, era verdadeira e, por isso, sentir-se estrangeira era agora para Maike uma espécie de autodescoberta.

4. “JÁ IMAGINOU UM QUARTO SÓ PARA VOCÊ, QUE LUXO”

“Estou no quarto de despejo e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, Maria Carolina, Quarto de despejo, 1960, p. 33)

Nos capítulos intitulados “A avó”, somos apresentados a uma mulher sem nome, que descobrimos ser a mãe de Anna e avó de Maike. Nascida em um ambiente de absoluta pobreza, ela é obrigada a sair de casa para trabalhar aos catorze anos, expulsa pela mãe, uma mulher abandonada pelo marido, que desde cedo também teve de começar a trabalhar e nunca ganhou o suficiente para sustentar os filhos, e que lhe disse que “já tinha idade para se virar sozinha, e que não tivesse medo, não havia motivo para tanto choro, onde já se viu, parece criança...” (SAAVEDRA, 2018, p. 131). Mas a menina queria ficar naquela casa mesmo, com a avó, “que não sabia a própria idade e tinha nascido no meio do mato, (...), terra de índios, e que, se tivesse continuado no meio do mato, (...) entenderia melhor as coisas que agora chegavam confusas, vozes que a perseguiam, sombras...” (SAAVEDRA, 2018, p. 133). Mas teve que deixar forçosamente toda sua vida para trás, numa diáspora, para ter seu trabalho

explorado pela burguesia carioca, para trabalhar para Dona Clotilde, que parecia ser “uma mulher admirável, muito boa, muito religiosa” (SAAVEDRA, 2018, p.134). Ao entrar no ônibus com dona Neusa, a antiga amiga da família que tinha lhe arranjado o trabalho, a personagem foi tomada pelo desespero e ficou em silêncio durante todo o trajeto; “uma mistura de medo do que estava por vir e da lembrança das conversas com a avó, a voz da avó que viajava também grudada nela, a cada quilômetro mais clara, mais forte, suas palavras a envolviam como um cobertor” (SAAVEDRA, 2018, p. 134).

Ao conhecer dona Clotilde, a menina é recebida com uma avalanche de perguntas: “Você sabe cozinhar, você será responsável pela roupa, lavar e passar, imagino que você saiba não?” (SAAVEDRA, 2018, p. 138). Logo descobre que teria de fazer muito mais do que cuidar das roupas; de fato, teria de tornar-se uma dona de casa, de uma casa que não era dela. E o esperado quarto era “bem pequeno com uma porta e só, um quarto sem janela, e lá dentro cabia apenas uma cama de ferro, colchão e uma cômoda” (SAAVEDRA, 2018, p. 139). Ela passa a cuidar de todo o serviço de um apartamento imenso, mas tem sua existência confinada aos espaços da cozinha e do quarto minúsculo. Desde sempre fora ensinada a ser invisível, que ser como ela não era desejável, que era tudo questão de destino, como dizia sua avó. Conforme afirma Hooks (1990), uma cultura de dominação exige a autonegação de todos os subalternizados: “Quanto mais marginalizados, mais intensa a demanda, uma vez que as pessoas negras, especialmente as mais pobres, são bombardeadas por mensagens de que não temos valor (...)” (HOOKS, 1990, p. 38, trad. nossa). Assim, a branquitude, por meio de sua ideologia e sua cultura, constrói a representação de pessoas negras e não brancas no geral como inferiores e desimportantes, para exercer seu domínio e naturalizar o racismo estrutural.

A menina passou a sentir-se cada vez mais solitária naquela casa, invisibilizada e objetificada como um serviçal, pois “Ali não tinha ninguém, só Dodô e aqueles fragmentos de conversa quando dona Clotilde não estava

olhando, que Dona Clotilde não gostava de conversinhas entre os serviçais” (SAAVEDRA, 2018, p.141). Dodô trabalhava como cozinheira para Dona Clotilde e era a única pessoa a dar atenção à ela. Sentia-se completamente desterrada naquele espaço burguês, e passou a pensar cada vez mais em sua avó: “Pensava que ela devia ter se sentido assim quando saiu lá da terra dela no meio do mato, e pouco a pouco foi esquecendo as coisas de lá e aquela tristeza que não ia embora” (SAAVEDRA, 2018. p. 141). Aos poucos, a personagem vai perdendo suas referências familiares, sua identidade, suas memórias, o que já se evidencia pelo fato dela não ser nomeada na narrativa.

Contudo, diante desse processo de despersonalização, a personagem se refugia no único espaço que lhe proporcionava algum contentamento: o cinema. Aos domingos, gastava o pouco dinheiro que recebia com a sessão de cinema e sorvetes. Era nesses momentos que ela se auto-afirmava de alguma maneira, pois era quando tomava posse de si, usufruindo do pouco tempo que tinha consigo mesma, livre das opressões diárias. Além disso, a menina às vezes comprava artefatos de beleza, o que incomodava Dona Clotilde, que “(...) dizia que a vaidade era coisa do diabo, e que ela não precisava de dinheiro ali, que guardasse que ganhava, que não ficasse comprando bobagens” (SAAVEDRA, 2018, p. 142). A patroa, portanto, controlava não só seu dinheiro, mas seu corpo, que deveria manter-se invisibilizado para não sair de seu controle. Na passagem seguinte, isso torna-se ainda mais evidente:

Um dia ela comprou um chapéu e Dona Clotilde lhe deu uma bronca, onde já se viu, onde você vai usar esse chapéu, menina, vai parecer uma doida, e mandou devolver na loja, mas ela mentiu e disse que não quiseram aceitar de volta, e escondeu o chapéu debaixo da cama, sem nunca ter coragem de usar, depois achou melhor só gastar mesmo com o cinema, então ela todo domingo ia ao cinema e depois comprava um picolé que o rapaz vendia na carrocinha (...) (SAAVEDRA, 2018, p.142-143).

A cena pode ser vista como simbólica, pois, “o papel desempenhado pelo chapéu parece corresponder ao da coroa, signo do poder, da soberania” e

“simboliza também a cabeça e o pensamento” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 136). Sendo assim, ao comprar o chapéu, a moça expressa sua vontade de ser dona de si e de buscar sua consciência, e a repressão pela compra demonstra a sua impotência diante do controle que a classe burguesa branca tem sobre seu corpo subalternizado. Ainda conforme o *Dicionário de símbolos*, “‘usar o chapéu’ significa, em francês coloquial, *porterle chapeau*, assumir uma responsabilidade, mesmo por uma ação que não se tenha cometido” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2003, p. 136). Assim, o ato de colocar um chapéu simboliza a assunção da responsabilidade por si mesmo, e a falta de coragem da menina em colocá-lo pode ser vista como a impossibilidade de agenciar sua própria história. Contudo, ao guardar o objeto e se negar a devolvê-lo, ela faz um gesto de resistência, numa esperança de que algum dia isso venha a tornar-se realidade.

5. “NÃO SER CAPAZ DE EVITAR AO MENOS ESSA SEGUNDA MORTE, ESSE ESQUECIMENTO”

A avó passou a ocupar cada vez mais as lembranças da menina, configurando memórias que funcionavam como escudo nos momentos de desamparo (assim como acontecia com Anna Mariani, sua filha, na sua experiência exílica na Alemanha). Certo dia, ela recebe tardiamente a notícia da morte de sua avó, contada por acaso por dona Clotilde, como um fato totalmente sem importância para a patroa. A personagem sofre uma violência psicológica extrema, pois não tem seu luto minimamente respeitado, como mostra o trecho:

Teve vontade de voltar para casa e teve vontade de ir ao cinema, e de nunca mais voltar, mas teve que continuar trabalhando normalmente pois não é porque alguém morreu que eu vou ficar com a casa suja e bagunçada, onde já se viu, disse dona Clotilde, e ela ficou com a vontade e as lágrimas escapando toda hora (SAAVEDRA, 2018, p. 144).

Acreditando no fingido interesse de Renan, filho de dona Clotilde, a personagem acaba sendo estuprada várias vezes por ele. Ela tem uma filha, Anna, a protagonista do primeiro relato, que jamais é reconhecida como filha de Renan. No final do romance, já idosa e reconciliada com Anna, agora uma atriz famosa, que volta para o Brasil para libertá-la do trabalho na casa de dona Clotilde, a mãe de Anna (e avó de Maike) termina exilada em uma residência de idosos, agora cercada de cuidados, mas com sinais de desequilíbrio mental.

Numa ocasião, ela foge da residência e sai à noite em direção ao teatro onde sua filha Anna irá apresentar um monólogo autobiográfico. No percurso, ela é guiada pelo fantasma de sua avó, com quem já mantinha conversas. A avó a repreende por ela não lembrar mais seu passado, pois “(...) gostamos de imaginar que somos livres, (...), mas somos a nossa herança, uma herança gravada nas palavras de nossos ancestrais” (SAAVEDRA, 2018. p. 248). Para sujeitos subalternizados, que vivem a condição exílica, a preservação da memória é fundamental para recuperação e re-inscrição do passado, “não como um fetiche a ser reproduzido literalmente, mas como um conjunto de memórias e experiências narradas para a criação de locais de resistência e fortalecimento da identidade comunitária” (SHOHAT, 2006, p. 245).

Assim sendo, observa-se que a bisavó indígena, embora desterritorializada, era a única integrante dessa linhagem matrilinear que seguia cultuando seus antepassados, já que a personagem avó, que sofreu a migrância forçada, foi obrigada a romper com seu passado familiar e ainda sofreu com o ‘sequestro’ do afeto de sua filha Anna por parte de dona Clotilde. Anna, por sua vez, tenta apagar seu passado, mas sofre opressões e abandono por parte do primeiro marido, e acaba abandonando sua filha. Embora finalmente seja uma atriz bem-sucedida, ela continua também experimentando no Brasil a exiliência, a sensação de não pertencer a lugar nenhum.

Essa linhagem de afetos rompidos pela incomunicabilidade se restabelece provisoriamente quando a avó de Maike se encontra com ela por acaso no teatro. Ambas nunca saberão do parentesco, mas a avó a vê como alguém muito familiar. Incorporando as falas da bisavó indígena de Maike, a avó percebe a angústia da neta, que chora muito; a deita no colo e a benze com ervas, dizendo-lhe que “sofremos muito porque desprezamos a sabedoria dos antepassados” (SAAVEDRA, 2018. p. 230).

As protagonistas do romance têm suas identidades e afetividades fraturadas por violências psicológicas e físicas, e são invisibilizadas e subalternizadas por meio de múltiplas opressões. Contudo, as experiências traumáticas da migrância forçada, no caso da avó, da exilância experimentada por Anna, assim como a aventura da errância empreendida por Maike sinalizam a busca destas mulheres por suas identidades e pertencimentos, pelo direito de existirem em um contexto de dominação patriarcal.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. *Estudos feministas*, UFSC, v. 8 n. 1, 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em 15/09/ 2022.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- DALCASTAGNÈ, Regina. (org.) *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FRIEDMAN, Susan Stanford. Bodies on the move: a poetics of home and diaspora. In: *Tulsa studies in women's literature*. University of Wisconsin-Madison, v. 23, n. p.189-212. 2004.

GODET, Rita Olivieri. Errância/migrância/migração. In. BERND, Zilá (org). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, pp. 189-210.

HARRIS, Leila Assupção. Espaços discursivos, geográficos e afetivos na literatura diaspórica contemporânea. In: HARRIS, A. Leila (org.). *A voz e o olhar do outro*. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2009.

HOOKS, bell. Homeplace: a site of resistance. Choosing the margin as a space of radical openness. In: *Yearning: race, gender, and cultural politics*. Boston, MA: South End Press, p. 41-49, 1990.

NOUSS, Alexis. *Pensar o exílio e a migração hoje*. Tradução: Ana Paula Coutinho. Porto: Afrontamento, 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas. Estudos gays: gêneros e sexualidades*. v. 4, n. 05, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 15 set. 2022.

SAAVEDRA, Carola. *Com armas sonolentas: um romance de formação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SASSEN, Saskia. *Globalization an its discontents*. New York: New Press, 1998.

SHOHAT, Ella. Notes on the post-colonial. *Social text*. Third world and post-colonial issues, no. 31-32, pp. 99-113, 2006.

ZOLIN, Lúcia Osana. Estratégias de subjetificação na ficção contemporânea de mulheres: exílio, migração, errância e outros deslocamentos. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LICARÃO, Bertoni; NAKAGOME, Patrícia. (orgs). *Literatura e resistência*. Porto Alegre: Zouk, 2018, pp. 71-85.

Recebido em 16/09/2022.

Aceito em 10/11/2022.